

## CICLO DO CAVALO



# *Ciclo do cavalo*

António Ramos Rosa







O cavalo diamante, o que se apaga  
na mancha mais escura — ainda possível.  
Neutro vagar, pausa de ser tão material,  
frente de terra, insuflada aurora.

Lapidar como a lâmpada na mancha  
mínima, rasgado pelo gosto da terra,  
gesto do peso que eleva e forte  
como a terra de longe e em torno a cor de tudo.

Lapidar entre arestas e curvas,  
forma de água em peito,  
língua do sabor da terra inteira,  
fértil da aridez de pedra,  
o corpo sonoro isolado nas relvas,  
fúria parada,  
a mão cobre-o todo, terra plácida.

Já alguém viu o cavalo? Vou aprendê-lo  
no jogo das palavras musculares.  
Alento alto, volume de vontade,  
força do ar nas ventas, dia claro.

Aqui a pata pesa só a mancha  
do cavalo em liberdade lenta  
para que o cavalo perca todo o halo  
para que a mão seja fiel ao olhar lento

e o perfil em cinza azul aceso  
de clareira de inverno. Bafo, o tempo  
do cavalo é terra repisada

e sem véus, de vértebras desenhadas,  
lê o cavalo na mancha, alerta,  
na solidão da planície e uma montanha.

O cavalo decide antes ainda  
da decisão, na planície.  
Cavalo azul, não, mas forma  
do meu bafo que lhe respira o ardor.

Eu sou cavalo no cavalo  
porque a palavra o diz inteiro  
e vejo que ela cava, é terra e pedra  
e músculo a músculo retenho a força dele.

Com a paciência do campo e o amor do olhar  
a precisão do cavalo é maior que o caminho  
e tem em si todo o hálito da casa.

Cavalo de folha sobre folha,  
cavalo de jogar e ler, escrever terra  
em que estás plantado em teu tamanho,  
força de todo o corpo aberto ao ar.

Cavalo de terra pronto a ser montado  
mas volte sempre ao lugar do diamante  
na paisagem incrustado, alento aceso  
de um animal ali no centro em qualquer campo.

Os membros apagados, fulva mancha,  
dissipa-se o vapor da relva  
e das narinas, inteiro, alerta  
o fogo sai para as casas mais desertas.

Cavalo pronto a subir  
mas sempre a terra e a pausa  
erguem a casa e o caminho,  
o tronco e a garupa, nomes fortes.

Cavalo de palavra e terra,  
pequeno aqui ou largo em nome e ser,  
corre no tempo de olhar uma campina  
ou empinado em brasa sobre as casas.

Cavalo de raiva amaciada,  
espuma de um relincho na parede  
mais alta da terra, ouvido  
da noite em forma de cavalo  
no horizonte.

Não acaba o cavalo de ser cavalo  
pelo nome e pelo corpo,  
pela argila vermelha e o verde bosque,  
o princípio da forma do seu ser.

Tão rasteiro me faço para o ver  
na glória do seu campo raso  
a respirar o ar do seu ar  
e o barro que é bafo parado.

O dia pardo como um pão de terra  
e a sede dessas virilhas fortalece  
o martelo com que bato a paz do campo.

Desmancha-se o cavalo? Jamais.  
A resposta vem da força dele.  
Corre por cima dos desastres.  
É fogo e pedra alta bem talhada.

Impossível quebrar-lhe a linha aérea  
que tem a terra toda nos seus cascos.  
Pesa por si e pelo campo em torno.  
E o tácito apelo do risco em frente.

Vive, portanto, mais alto do que o tempo.  
Ele próprio é bandeira sem bandeira,  
o cavalo que nunca o é para si mesmo.

A franja de terra e o labirinto  
onde cego caminho ou em branco.  
A mesa lisa é necessária à linha.  
A visão do animal obceca-me, fascina-me.

É como um corpo em fala, castanho,  
negro ou branco. Seja qual a cor,  
arde de ser todo ele a densidade  
de uma dança imóvel na parede.

Escrevê-lo é tentar tenacidade,  
persistência de pé, arrojo mudo,  
dizer o que diz inteiro o nome.

Cavalo, cavalo da terra, saltas sobre  
toda a pobreza chã ou obstáculo.  
O vigor da palavra é evidência acesa  
é saber-te do chão até à crina.

Quem te arranca a força de raiz  
em que vale te cavam ou te calam,  
de perfil ou de frente és cavalo sempre,  
cavalo de sempre.

O teu nome é uma parede que nos fala  
sobre o teu silêncio. E é um nome  
que não se excede e horizontal se lê,  
a prumo.

O vigor do cavalo, o rigor da palavra  
nua. Pátria do meu corpo.  
Sopra nuvens brancas, cavalga o continente  
com a terra toda vibrante e luminosa.

Vejo que a pedra é pedra, a terra terra,  
mas negando a pedra, negando a terra,  
de novo encontro a pedra, de novo encontro a terra  
numa primeira vez de compacta lucidez.

Cavalo que me reúnes sobre escombros e cinzas  
a uma textura carnal, aos ossos inseridos,  
a uma fecunda cave, às raízes da voz.

Escrevo o chão consolidando a terra  
por amor do teu garbo, tua dura estrada,  
teu lento amadurecer, tua lição de andar.

O calor dos campos e da cor em ti, cavalo,  
e em mim o muro quente e a força do teu nome.  
Não espero mas aceito a tua marcha  
como quem navega no campo dessas cores.

Tua abrasada língua, teus olhos sem antolhos,  
correm a liberdade dos campos sem a névoa,  
relinchas do prazer de ser cavalo  
(e não o sabes)

e aqui me tens numa linguagem árida  
e tensa. Para que me arrebares ainda mais que nunca  
sempre com a paz do teu campo de cores  
e a grande paz da força, tua boca descoberta,

sempre a alertar-me em palavras que são brasas  
ou cinza ainda cálida do papel, destas formas  
do meu amor da liberdade e do vigor  
da vontade inteira em mim, cavalo.

Escrever-te é preparar-me para um novo dia,  
uma luta de abraços e de flores no mar.  
Escrever-te é enamorar-me do primeiro nome, a terra,  
a casa, o chão; ligá-los músculo a músculo

até ao sabor quente do teu bafo animal.  
A ferida, a raiva ferida, arrebatada  
pelo teu corpo disparado, no silêncio  
de um campo de ervas altas; o silêncio  
dos nomes do campo concentrado

num muro branco.  
O canto e o encanto das coisas nomeadas,  
pedra alta, fria chuva, olhos acesos,  
ervas e flores,

a geometria do teu andar desperta  
e da dureza da terra faz o lugar voltar  
ao seu lugar primeiro, ao teu nome de terra.